

# Isto Tem Piada?

# Jerry Seinfeld



Anos 1970



Anos 1980



Anos 1990



Anos 2000



Anos 2010

# Índice

Anos 1970 .....	9
Anos 1980 .....	93
Anos 1990 .....	221
Anos 2000 .....	269
Anos 2010 .....	379
Agradecimentos .....	487
Índice remissivo .....	489
Índice de piadas .....	503

# Anos 1970



«Isto tem piada?» é o que os humoristas costumam perguntar aos colegas a respeito de uma piada nova.

Ideias que surgem do nada e que não significam nada.

Mas que, no mundo do *stand-up comedy*, são autênticos lingotes de ouro.

Quando o encontramos depois do *set*, o humorista pergunta-nos:

«Funcionou?»

Todos os humoristas ficam ligeiramente perplexos quando uma piada funciona.

Imaginem-me em meados dos anos sessenta, no chão da sala dos meus pais, de pernas cruzadas, com uma tigela de cereais nas mãos, a 30 centímetros do nosso televisor *Zenith* de 25 polegadas, de calças de ganga, t-shirt de listas horizontais, ténis *Keds* brancos, hipnotizado por um humorista de fato e gravata no *Ed Sullivan Show*.

De vez em quando saía-me algo engraçado, mas tudo o que aqueles tipos diziam era hilariante.

«Como é que eles conseguem falar assim?»

Os humoristas deixavam-me tão perplexo quanto fascinado.

Mas nunca, nem por um segundo, imaginei que me tornaria um deles.

Para mim, eram como os astronautas ou os atletas olímpicos.

Uma espécie diferente de humanos.

Nem sequer faziam parte deste mundo.



Cresci em Long Island e lembro-me de uma vez, no início da década de 1970, ter ouvido o irmão mais velho do meu amigo Chris Misiano, o Vince, dizer que havia um sítio em Nova Iorque onde jovens subiam ao palco para fazer um novo tipo de *stand-up comedy*.

Que havia um tipo que contava uma história enquanto fazia percussão em duas congas, e que depois começava a gritar e a tocar as congas ao ritmo dos gritos!

Parecia-nos tão louco e hilariante.

Pensámos: «Temos mesmo de ir ver este tipo!»

Por isso, começámos a ir a Nova Iorque, o que só por si já era incrivelmente divertido e empolgante, para ver aqueles novos humoristas no *Improv* e no *Catch a Rising Star*.

Aquele humorista era, claro, o Andy Kaufman.

Ali também havia muitos outros humoristas fantásticos.

Como o Ed Bluestone, a Elayne Boosler, o Richard Lewis, o Bob Shaw e o Bobby Kelton.

Naqueles clubes, chegámos a ver as atuações de grandes estrelas, como o Rodney Dangerfield e o David Brenner.

Era quase assustador ouvir, ao vivo, o riso do público amontoadado naqueles espaços tão pequenos.

Como é que os humoristas sabiam que provocariam tamanhas gargalhadas em públicos compostos por perfeitos desconhecidos?

Para mim, era um mistério.

Depois, em 1974, aconteceram duas coisas que me tiraram da névoa densa e suburbana que me envolvia, abrindo-me os olhos para uma realidade radicalmente nova.

Li um livro intitulado *The Last Laugh* e vi um filme chamado *Lenny*.

*The Last Laugh*, do Phil Berger, era o primeiro livro totalmente dedicado ao mundo do *stand-up comedy*.

*Lenny* era um filme com o Dustin Hoffman sobre a vida do Lenny Bruce.

O cartaz de *Lenny* mostrava-o curvado sobre um microfone, num clube noturno cheio de fumo.

Há uma cena no filme em que o Lenny Bruce está a jantar, a horas tardias, numa cafetaria depois de um espetáculo que não correu bem.

Com a gravata desapertada, ainda de fato, está a empurrar a bandeja para se servir quando encontra uma *stripper*, a Hot Honey Harlowe.

Acho que foi essa cena que mudou tudo em mim.

A absoluta falta de glamour e/ou normalidade deixou-me doído.

Que existência tão original e absurda.

Os humoristas pareciam atravessar o espaço e o tempo indiferentes a tudo, exceto ao som do riso.

Dei por mim a pensar: «Meu Deus,

é isto que quero fazer.

Mas...

e se não for capaz?

E se não for engraçado?»

Lembro-me de ter pensado:

«Bem, de qualquer forma, não tenho de ser assim tão engraçado.

Só tenho de ter piada suficiente para poder comprar, por semana, um pão de forma e um frasco de manteiga de amendoim.»

Podia sobreviver facilmente nessas condições.

No fim de contas, na casa dos meus pais eu não comia outra coisa.

E mesmo que não conseguisse chegar mais longe que isto, ainda assim seria uma vida melhor do que qualquer outra que fosse capaz de perspetivar.

Em comparação com todas as alternativas que pudesse imaginar, estava mais do que satisfeito em aceitar ser um humorista mediano.

Sem que o soubesse, claro, esta postura é a forma ideal de se entrar no mundo do humorismo.

Não ter expetativas. Aceitar tudo o que possa acontecer.

Até então, os meus amigos eram as únicas pessoas que eu tentara fazer rir.

O que não tinha sido fácil.

Como raio seria capaz de pôr perfeitos desconhecidos a rir-se?

Em *The Last Laugh*, li sobre uma piada que o Jimmie Walker contou uma noite no Catch a Rising Star.

A propósito, este não é um nome extraordinário para um clube noturno dedicado a novos humoristas?\*

Continua a ser o melhor nome que conheço.

Além de ser o clube mais interessante em que alguma vez entrei.

Adoro o facto de ter sido o primeiro sítio onde subi ao palco para me aventurar no humorismo.

Enfim, a piada do Jimmie Walker: Naquela noite estava a chover tanto em Nova Iorque que ele até tinha «visto o Super-homem apanhar um táxi».

---

\* O nome «Catch a Rising Star» pode ser traduzido literalmente por «Apanhar Uma Estrela em Ascensão».

Achei a piada tão simples, mas tão engraçada.

Como se tem uma ideia daquelas?

Parecia-me uma espécie de milagre.

Ainda não sei ao certo de onde vêm as piadas.

Talvez de uma mistura emocional de tédio, agressividade, intensa acuidade visual e um tipo de agilidade da mente que nos permite transformar o que vemos naquilo que queremos ver.

Quando comecei a subir aos palcos, sentia-me muito, muito nervoso.

Mas fui encorajado pelos meus amigos do Queens College, o Jesse Michnik, o Joe Bacino e o Mike Castanza.

Ser-lhes-ei eternamente grato.

Não era uma pessoa naturalmente extrovertida, nem sequer gostava de chamar a atenção.

O que mais gostava de fazer era sussurrar coisas engraçadas durante as aulas para fazer os miúdos ao meu lado desatarem a rir-se e serem repreendidos.

Tentei participar em peças de teatro na escola secundária e na faculdade, mas, a menos que o papel fosse inteiramente cómico, as cenas não conseguiam captar a minha atenção.

Além disso, várias vezes me censuraram por tentar tornar engraçado um papel que originalmente não o era.

Adorava fazer isso.

Mesmo nos primeiros anos de *Seinfeld*, era-me difícil concentrar-me nos aspetos narrativos da série.

Só me animava quando eu e o Larry começávamos a escrever os diálogos e precisávamos de falas cómicas para as personagens.

Com o passar dos anos, melhorei no que se refere à construção da narrativa, mas ainda considero esse trabalho desinteressante.

Aos 21 anos, contudo, quando entrei pela primeira vez nos clubes de *stand-up comedy* de Manhattan, ativaram-se todos os neurónios do meu pequeno cérebro.

Senti-me como se tivesse finalmente encontrado o meu lar no planeta Terra.

Não apenas por já poder mergulhar na arte da comédia, mas também pelo mundo de humoristas no qual de repente dei por mim.

## **Uma piada às esquadras**

Sou esquadrino.

Os esquadrinos não gostam de que as palavras

«esquadro» e «canhoto»

sejam tantas vezes associadas

a coisas negativas.

Ter dois pés esquadros.

Andar pela esquerda.

À refeição: «Ele é canhoto com os talheres.»

Numa festa, se surge uma pessoa interessante:

«Ele é um tipo às direitas.»

## **Carrinhos de choque**

Outro momento entusiasmante da minha infância foi quando andei de carrinhos de choque.

É nos carrinhos de choque que descobrimos de que fibra somos feitos.

Uma competição brutal entre homem e máquina.

A condução como ato de pura hostilidade.

Só confronto, sem destino definido.

Com a exceção de que, quando dão luz verde, há sempre um miúdo preso no meio de um grupo de carrinhos vazios.

Não consegue sair dali.

É o mesmo miúdo que mais tarde vemos ser ajudado a conduzir pelo funcionário, pendurado na traseira do carrinho.



Sinto-me sempre mal quando choco contra alguém que não conheço.

Parece-se demasiado com um acidente real.

Saio do carrinho, troco informações.

Verifico os danos.

Nos carrinhos de choque, há sempre um tipo demasiado empolgado.

Vive para sentir a sensação de impacto.

É fácil de identificar, pois costuma ter saliva no queixo.

Enquanto empurra contra uma parede uma equipa desamparada de pai-e-filho.

## **Bolas de algodão**

Gosto muito de mulheres.

No entanto, acho que as casas de banho delas são dos sítios mais aterradores do mundo.

Nem sequer quero ver o que acontece quando elas usam alguns daqueles instrumentos.

Há o espelho de maquilhagem.

Com aquelas lâmpadas ao estilo de pista de aterragem, em toda a altura das laterais.

Há filas de rolos elétricos para o cabelo.

Será que os põem elas próprias ou os lançam diretamente da caixa para a cabeça?

Como se fossem pequenos mísseis cruzeiro.

Suponho que, quando se tem aqueles rolos no cabelo,

seja possível fritar batatas sobre eles, espetadas.

Nas casas de banho femininas também há muitas bolas de algodão.

As mulheres usam muitas bolas de algodão.

MUITAS bolas de algodão.

O que me deixa perplexo é isto: nunca precisei de usar uma bola de algodão.

Nunca.

Nem uma.

E também sou humano.

Que coisa estranha é esta?

Nunca quis uma bola de algodão.

Nunca comprei uma bola de algodão.

Nunca tive uma bola de algodão.

Nunca estive numa situação em que tenha pensado:

«Agora dar-me-ia jeito uma bola de algodão.

Seria uma grande ajuda para sair desta alhada.»

As mulheres precisam delas.

E não precisam de só uma ou duas.

Precisam de milhares delas todos os dias.

Compram uns sacos que mais parecem sacolas de turfa.

Com alças fortíssimas, feitas de aço.

Mandam deixar o carregamento no jardim à frente de casa.

Transportado por uma empilhadora.

Dois dias depois, já não há nada.

Têm de voltar à loja para comprar mais bolas de algodão.

As únicas vezes em que as vejo,

são sempre duas ou três no fundo do caixote de lixo da casa de banho,

e parecem ter passado por uma experiência terrível.

Foram torturadas, interrogadas.

Não sei o que lhes fizeram.

Uma vez, uma mulher deixou três bolas de algodão em minha casa.

Levei um ano a livrar-me delas.

Deixei uma no chão da cozinha.

Pensei que talvez as baratas a vissem,

julgassem que era um daqueles novelos de plantas secas que rebolam ao vento

e pensassem:

«Isto é uma cidade-fantasma, vamo-nos embora.»

Ou então eu poderia ir ao médico.

E antes de me darem a injeção

e de me passarem álcool no braço com uma bola de algodão,

eu diria:

«Não pode usar a minha?

Vá lá, faça-me esse favor.

Só estou a tentar aproveitá-la ao máximo.»

Quem sabe se não aceitariam?

Talvez me descontassem um cêntimo na fatura.

Depois dar-me-iam a receita.

Eu compraria o medicamento.

Abriria a embalagem.

Dentro da qual estaria outra bola de algodão.

O Sindicato das Bolas de Algodão está sempre um passo à nossa frente.

## **Cães em carros**

Adoro levar o meu cão a passear de carro.

Mas nas curvas surgem muitos problemas.

Ele não sabe o que é a inércia.

Fica com as pernas tensas e vacilantes.

«O que se passa aqui...? O que está a acontecer?»

Não sabe se se levanta, se se senta.

Os cães gostam de carros porque, para quem vê de fora, parecem uma pessoa sentada ao nosso lado.

Sentem-se nossos iguais.

Olham para nós e pensam:

«Que simpático.

Assim é que é.

Acho que devíamos sentar-nos sempre assim.»

Mas desaparecem do campo de visão a cada curva.

Até conseguirem erguer-se outra vez.

Não sei porque é que os cães teimam em pôr a cabeça para fora da janela.

Acho que pensam:

«Se eu conseguisse correr a esta velocidade, seria o Rei dos Cães.»

Quando saímos com os nossos cães para a rua, eles ficam assombrados com as coisas que conseguimos fazer.

A qualquer hora do dia, se sentirmos fome, podemos ir a um sítio e voltar com um hambúrguer.

Eles ficam estarrecidos.

Olham para nós como quem dissesse:

«Onde é que arranjaste isso?

Não são 5h30.

Estamos a meio do dia.

Como conseguiste que te alimentassem?

Isso que estás a comer é a coisa mais extraordinária que já vi.»

O que diferencia verdadeiramente os homens e os animais é apenas uma coisa, os bolsos.

Não são os polegares oponíveis.

São os bolsos.

Os cães escavam buracos no chão porque estão a tentar fazer bolsos.

É isso que tem impedido a evolução do reino animal.

Agora podem perguntar-me:

«Sendo assim, porque é que a espécie dos cangurus não é mais evoluída? Eles têm bolsos.»

Pois têm.

Mas têm braços muito curtos, o que os impede de chegar aos bolsos.

«Tenho dinheiro para comprar o que quiser.

Só não consigo chegar-lhe com as mãos.»

## **Cereais *Life***

Arrogância.

Há demasiada arrogância.

Por todo o lado.

Até na indústria alimentar.

Onde raio é que se arranja coragem

para chamar *LIFE*\* a um tipo de cereais?

O que veem eles nos seus pequeninos cereais quadrados de aveia

que os faz pensar que deveriam dar-lhes um nome inspirado na nossa própria existência?

«Que tal *Oaties, Squaries, Brownies*?»

«Ah, não, isto é muito mais importante.

Isto é VIDA, a sério.

Fica *Life*.»

Que outros nomes terão considerado?

Talvez «Deus Todo-Poderoso»?

Terá esse nome sido equacionado?

---

\* «Vida».

Quem não gostaria de acordar de manhã e comer uma bela tigela de «Deus Todo-Poderoso»?

Ou do novo «Deus Todo-Poderoso com Passas»?

E se não gostam,  
vão para o inferno.

## **Os periquitos e os espelhos**

A minha mãe falava-me sempre do que pretendia fazer com a sala.

Era a obsessão dela.

la tratar da sala.

«Quero transformar a sala.»

A minha mãe dizia:

«Sabes, se transformares a parede de uma divisão num espelho,

as pessoas ficam com a impressão de que tens toda uma outra divisão ao lado.»

Ela acreditava nisso.

Que raio de idiota se aproxima de um espelho e diz:

«Olha, há aqui outra divisão.

E está lá um tipo que se parece mesmo comigo.»

O meu periquito caía nesse engodo.

Eu abria-lhe a gaiola e deixava-o sair.

Ele punha-se a esvoaçar e ia direitinho contra o espelho.

Com aquela cabecinha tão macia na parte frontal.

E viam-se penas pelo ar.

E ele caía ao chão.

Então esvoaçava noutra direção, um pouco grogue.

Mas, mesmo que ele pensasse que o espelho era outra divisão, porque é que não tentava pelo menos evitar chocar com o OUTRO periquito?

«Cuidado!»

O que aconteceu à famosa visão precisa das aves?

Vem outro periquito em sentido contrário e direitinho a ti!

## **Teleférico de Roosevelt Island**

Parece que o teleférico de Roosevelt Island está pronto.

Que simpático...

A câmara municipal está na bancarrota

e anda a construir carrosséis para nos divertirmos.

Um dia destes, há de haver uma montanha-russa no South Bronx.

Vai ser a primeira montanha-russa em que as pessoas gritam na parte plana, quando chegam ao nível do chão.

## **Super-Homem**

Para mim,

quando era miúdo,

o *Super-Homem* era provavelmente o melhor programa de televisão de sempre.



Já viram algum episódio?

Dou por mim a pensar: «Será que eu perdia o juízo durante meia hora todos os dias?»

Não há um único microssegundo credível em toda aquela série.

O *Daily Planet*. O jornal.

O periódico de maior circulação em toda a cidade.

Tinha três jornalistas.

Todas as semanas, dois deles acabam amarrados numa gruta algures.

Sempre desejei que o Super-Homem dissesse à Lois e ao Jimmy:

«Escutem, não estão a ajudar. Só me dificultam a vida.

Não se importam de deixar que seja eu a lidar com os bandidos?

Acreditem, eu consigo dar conta deles.»

O Super-Homem e o Clark Kent são a mesma pessoa.

Mas ninguém sabe, por causa da sua identidade secreta.

O disfarce?

Um par de óculos.

Mais nada.

Não há outras diferenças entre os dois rostos.

O Jimmy Olsen e a Lois Lane. Jornalistas profissionais.

Capazes de observar e analisar cada pormenor de tudo o que os rodeia.

Não veem semelhanças.

Aos olhos experientes deles, são duas pessoas completamente diferentes.

Se um amigo nosso passa a usar óculos...

deixamos de conseguir reconhecê-lo?

O Clark Kent nem sequer tinha lentes na armação dos óculos.

Chegava a coçar os olhos através dos aros.

Como sabemos, o Clark Kent usa o fato de Super-Homem por baixo da roupa normal.

Já todos o vimos rasgar a camisa.

Mas e quanto às botas do Super-Homem?

Estão dentro dos sapatos normais? Como se explica isto?

«Vejo que o Clark voltou a trazer as meias de couro vermelhas.»

Será que o Jimmy Olsen alguma vez teve suspeitas ao ver o Clark Kent na casa de banho?

[simular que se urina na pose clássica do Super-Homem, de pernas afastadas e punhos apoiados nos quadris]

## **Voto canino**

Estou mortinho por ser idoso.

É superior às minhas forças.

Não consigo deixar de pensar nisso.

Os pais gostam sempre de nos impressionar com as suas histórias sobre «como as coisas eram dantes».

«O leite custava cinco cêntimos. Um carro custava 25 cêntimos.»

O que me faz pensar se o mundo pode vir a mudar tanto outra vez.

Para que também nós tenhamos histórias igualmente incríveis...

Ponho-me a imaginar se alguma vez um jovem me perguntará:

«Quer dizer que, quando o avô era miúdo, os cães não podiam votar?»

«Isso mesmo, Jimmy.

Os cães não tinham voz neste mundo.

Não passavam de animais de estimação.»

«Uaaau...»

## **Disneylândia**

Quando era miúdo, nunca fui à Disneylândia.

Era impossível.

Os meus pais jamais me levariam a outro estado, a milhares de quilómetros de distância, só para eu poder sentar-me dentro de uma chávena.

Tanto a minha mãe quanto o meu pai eram órfãos.

Eles viam as coisas deste modo:

«Tens um quarto. Tens uma cama. O teu parque de diversões é esse.»

Eu nem sequer podia pronunciar a palavra.

«Mãe, pai, há um sítio chamado Dis...»

«O quê?»

«Dis... Disne...»

Não conseguia balbuciar mais do que isto.

## **O termóstato do meu pai**

Não há nada melhor do que o Poder da Vida Adulta.

Televisão sem limites.

Bolachas sempre que quisermos.

Além disso, podemos ir para casa e mexer no termóstato tanto quanto nos apetecer.

Agora somos nós que o controlamos.

O meu pai deixava-me doido com aquela coisa.

Só me aproximei de um termóstato aos 28 anos.

Estava num quarto de hotel em Pittsburgh quando finalmente tive coragem para o girar um bocadinho.

Não consegui dormir toda a noite.

Tinha medo de que o meu pai arrombasse a porta:

«Quem é que mexeu no termóstato?»

Se o regulei como estava... por algum motivo foi.»

Durante anos, esperei que o meu pai me puxasse para um canto

e me explicasse o segredo do termóstato.

Um dia, ele acabou por me pedir que me sentasse

e contou-me toda uma história...

Os espermatozoides, os óvulos, as relações sexuais.

Eu disse-lhe: «Pai, que interesse tem isso?»

Passa logo para a parte em que entra o termóstato.

O que é que ele verdadeiramente controla?»

## **Cara de pais**

Hoje em dia uso lentes de contacto, mas aos 10 anos usava óculos.

Julgava que tinha de usar óculos porque era incapaz de reconhecer a cara dos meus pais.

Quando pedia dinheiro à minha mãe, ela respondia sempre o mesmo:

«Achas que tenho cara de quê? De banco?»

«Achas que tenho cara de dinheiro?»

A verdade é que, quando somos miúdos, os nossos pais são o banco.

A que outro sítio poderíamos ir para arranjar dinheiro?

Ao banco da esquina?

Se fosse lá, o bancário diria:

«Achas que tenho cara de quê? De tua mãe?»

Desaparece, quatro-olhos...»

## **Bolsos adultos**

Uma grande diferença entre adultos e crianças é

o número de bolsos nos quais vasculham quando procuram por alguma coisa.

Os adultos põem as mãos em todos os bolsos da roupa quando procuram uma coisa.

«Eu achava... com toda a certeza... que tinha isso... num dos bolsos...»

Quando somos pequenos

e alguém nos pergunta se temos determinada coisa,  
limitamo-nos a estender as palmas das mãos.

«Não, não tenho.»

Não precisamos de verificar.

Não temos nada.

Tudo o que temos está nas nossas mãos.

Se perguntarmos a um miúdo: «Tens trocado?»,

[esticar as mãos com as palmas viradas para cima]

ele responde: «Não.»

Se lhe pedirmos para verificar: «Tens a certeza?»,

ele limita-se a afastar mais os dedos.

## **Pijamas**

Não sei por que razão os fatos projetam uma imagem de poder tão forte.

Porque é que são tão intimidantes?

«É melhor fazermos o que este tipo diz. As calças dele combinam com o casaco.»

Os homens gostam tanto de fatos que acabámos por criar pijamas que parecem minifatos.

Três botões à frente.

As lapelas pequeninas.

O bolso ao peito.

Para que serve aquele bolso?

Pomos um lápis no bolso.

Mudamos de posição na cama a meio da noite.

Matamo-nos.

## **Perda de apetite**

A determinada altura, queria mesmo chegar à idade adulta.

Já estava fartinho de construir planadores de madeira.

Queria liberdade.

Queria autonomia:

Se me apetece uma bolacha,

como uma bolacha.

Como três bolachas.

Seis bolachas.

Ou oito bolachas, se quiser.

Na verdade, às vezes

dou cabo do meu apetite de propósito.

Porque, como adultos, nós sabemos...

Mesmo que percamos o apetite,

não tarda a aparecer outro.

Não corremos o risco de ficar sem apetites.

Posso dar cabo de cem apetites.

Ainda assim, vou ficar com milhares.

Porque temos tanto cuidado com cada um deles?

Eu tenho milhões de apetites.

## **O edifício Electrolux**

Os melhores brinquedos que tive durante a infância surgiam quando um morador da nossa rua comprava um frigorífico novo

e eu ficava com uma enorme caixa de cartão castanha para brincar.

Porque, quando somos crianças, isso é o mais próximo a que chegamos de ter um apartamento só nosso.

Rastejamos para o interior da caixa: «Acho que vou passar a viver aqui.»

Fazemos um buraco para a janela, pomos a cabeça de fora.

«Mãe, pai, têm de cá vir um dia destes.

Vivemos tão perto.

Moro no relvado da frente.

No edifício Electrolux.

Apartamento n.º 1.»

## **Primeira carteira**

Ainda me lembro da minha primeira carteira.

Era de plástico castanho e tinha a imagem de um pequeno *cowboy*.

Era o género de carteira em que nos damos ao trabalho de preencher o cartão de identificação que vem no interior.

Porque, quando temos sete anos, precisamos de um documento de identificação.

Para o caso de sermos controlados ao entrar no carrossel.



«Sim, tenho idade suficiente para andar na zebra... É verdade. Não ponho as mãos no fogo pelos outros miúdos, mas o meu cartão já está preenchido.»

## **Quebra-dentes**

Deve ser divertido inventar novos doces para os miúdos.

A margem de manobra nutricional é incrível.

No meu tempo, havia um rebuçado chamado QUEBRA-DENTES.

Era tão rijo que não seria surpreendente se partíssemos os dentes ao tentar comê-lo.

Para nós, aquilo era fantástico.

Os miúdos nunca dizem:

«Olha lá, o que há neste produto?

Jimmy, deixa-me verificar os ingredientes destes Quebra-dentes.

Não é bom consumirmos corantes artificiais, sabias?»

Os miúdos pensam:

«Só tenho de pagar 25 cêntimos pela hipótese de me magoar a sério?

É uma boa compra.»

## **Na sapataria**

Acho que os sapatos são das coisas mais difíceis de comprar.

Quando observamos o interior de uma sapataria...

Vemos pessoas em dificuldades.

De sobrolho franzido...

Com o olhar perdido no vazio.

Porque é que, quando andamos pela sapataria para experimentar um par de sapatos,

parecemos *zombies* perdidos?

[andar lentamente às voltas]

«Sim... estes... são... bastante... confortáveis...»

Temos o cérebro tão concentrado nos pés que ele deixa de estar disponível para operar os músculos do rosto.

«Estes são número 37...?»

Ou 38...?»

É... que... parece... que... não... sinto... os... pés...»

Há sapatos que têm diferentes opções de largura.

Mas nem todos.

Sendo assim...

Precisamos ou não de larguras personalizadas?

A seguir, aproximamo-nos do pequeno espelho de 30 centímetros que todas as sapatarias têm posto no chão.

Para analisarmos os sapatos do ponto de vista do nosso gato.

Ou então, se passarmos por um bêbedo estendido no passeio, podemos perguntar:

«O que acha destes sapatos?»

Por acaso sei que têm um aspeto fantástico vistos desse ângulo.»



v o g a i s

com todas as letras

20120 editora

ISBN 978-989-564-201-4



9 789895 642014

Memórias